



Sarney trocou verbos e confundiu seus ouvintes

Sarney estréia na tribuna

Discurso sobre os 100 anos do STF frustra plenário

BRASÍLIA — Depois de sete anos afastado do Congresso, o ex-presidente José Sarney voltou ontem a ocupar a tribuna do Senado, como representante do PMDB do Amapá, mas não empolgou a platéia que incluiu, além de senadores dos mais diversos partidos, o ministro das Relações Exteriores, Francisco Resek, os presidentes do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral, e sua mulher, Marli Sarney. Sarney foi o orador oficial da sessão de homenagem ao Supremo, pelo centenário de sua criação, e falou durante exatos 53 minutos, lendo um discurso de 16 páginas datilografadas.

O senador Sarney abriu o discurso afirmando que a história do Supremo é a história da República. "Elas se interligam e se integram nos dias de glória e nos instantes de sombra", disse o ex-presidente. Mas a platéia mais crítica, na qual se inclui o líder do PDT, senador Maurício Corrêa, diz que sua fala foi perfeita em elegância literária, mas que não foi um discurso de mensagem, como se poderia esperar de um ex-presidente. "Ele pecou porque se deteve muito no início da história e,

cautelosamente, evitou comentar o papel importante do Supremo no período pós-64", avaliou o senador pedetista.

Ao longo do discurso, Sarney foi reconstituindo cenários, fatos e personagens, falando da relação do tribunal com o Senado Federal e citando os pontos mais altos de atuação da instituição, de Rui Barbosa a Juscelino Kubitschek. "Nesta parte, o discurso foi impecável", sentenciou Maurício Corrêa, lembrando que episódios como a aposentadoria compulsória de três ministros do Supremo — Vitor Nunes Leal, Hermes Silva e Evandro Lins e Silva, "feita pela ditadura, foi esquecida".

O ex-presidente, que não acredita na antecipação da revisão constitucional, "porque os prazos já estão estabelecidos", destacou ao final do discurso que o Supremo tem um desafio pela frente: tornar viável a Constituição de 88. "O STF terá que buscar o seu espírito; podá-la nos excessos e ampliá-la nas suas lacunas, para que seja um instrumento de estabilidade, segurança, de defesa dos direitos sociais e civis." E por ter falado em "ampliá-la nas lacunas", acabou confundindo alguns presentes. "Acho que ele quis dizer 'suprir' a Constituição em suas lacunas, e não ampliar", avaliou o presidente do TSE, Sidney Sanches, para quem a Constituição peca pelas minúcias, e não pelas lacunas.